SABERES NA PRAÇA: ESTÉTICA DE UMA FORMAÇÃO DOCENTE

RODRIGUES, Viviane Costa
IF SUL
vivianecosrodrigues@gmail.com

FARINA, Cynthia
IF SUL
cynthiafarina@pelotas.ifsul.edu.br

Palavras-chave: estética, formação docente, território

Introdução

"[...] tudo o que Lucrécia Neves podia conhecer de si mesma estava fora dela: ela via"; "entre bocejos incessantes também ela quereria assim exprimir sua modesta função que era: olhar".
Clarice Lispector

Pensar a formação de uma professora de Arte implica uma desacomodação... Como exercício que permite um novo olhar sobre o fazer, o existir e sobre os desafios que insistem aparecer por esses caminhos... É assim que encontro desvios para pensar minha própria formação. Por uma desacomodação que pressupõe traçar outras rotas, instaurar novas formas de pensamento e estabelecer uma nova interface com o mundo. O presente trabalho busca se apropriar dessa interface deixando-se atravessar por este exercício no encontro com a cidade, na interação com o urbano e sua paisagem, por uma aproximação com a arte. Ao olhar para as visibilidades percebidas no cotidiano de passagens, onde é possível encontrar a combinação de diversos elementos sociais que vão do individual ao coletivo. Trata-se de pensar a cidade na perspectiva de como essas relações se inscrevem na maneira como percebo o outro, o mundo e a mim mesma. Do que sou levada a sentir, perceber, saber dos demais ao me colocar neste lugar, e como, a partir de minha formação como professora de Arte poderei aprender com essas relações.

Assim, me introduzo neste campo olhando as imagens que compõem a cidade, e é também onde encontro um lugar sedutor: a Praça Coronel Pedro Osório. Esta que então se articula com outras ruas, se inscreve como patrimônio histórico e como paisagem natural preservada. Um lugar de sedução que sobressai a outros pelos desassossegos criados no momento de minhas passagens por ela. Foi quando senti necessidade de problematizar as relações observadas, deixando-me misturar e reinventar nessa interação.

Algumas escritas surgiram e as observações foram marcando os dias, as horas e cada posição a que me dirigia naquele lugar dividido por grandes alamedas que criavam outras visibilidades. Frequentado por diferentes públicos, humanos ou não, se misturavam nessa dimensão as minhas impressões e as impressões dos outros, imbricando-se. Assim continuando a se produzir outras significações de um mesmo espaço. Portanto, busco neste trabalho aproximar olhar e pensamento pelas percepções presentes naquele lugar.

Baseando-me no conceito de *território* (Deleuze e Guattari, 1995) procurando estabelecer uma dinâmica entre o olhar, a formação do subjetivo e o mundo. É esse o movimento em que o território se estabelece mobilizando o pensamento que ora *desterritorializa*, ora *reterritorializa* em suas várias possibilidades.

Essa imersão no urbano da cidade, na praça e em seus elementos constituintes é chamada a desvelar características do invisível, do inorgânico e do imprevisto. Penso numa poética do cotidiano. Das imagens que visualizo e do que interpreto a partir delas. Na escuta indisciplinada de vozes, sonoridades e gritos daqueles que não são ouvidos. As vicissitudes aparentes que insistimos em não perceber para que elas não aflijam ou ponham em risco nossos temores mais profundos. É isso que mobiliza o estar naquele lugar.

Mas o que está em jogo quando se está a olhar? O que dispara esses desassossegos? Quais impressões me ajudam a problematizar esse espaço e minha própria formação? Concentrando as atenções para essa proximidade entre formação docente e o espaço urbano, tento verificar em que momento essa relação implica considerar a atuação do indivíduo na dinâmica social da cidade e quais as implicações práticas estão presentes nesse processo de formação.

Em Clarice Lispector (1975), pude encontrar um olhar para uma cidade que se desenvolve pela invenção, comunicando-se com esse lugar em meio ao silêncio e ao isolamento. O pensamento que se inquieta diante das impressões da cidade. Tal possibilidade de perceber a relação com a cidade me ajuda a pensar também as relações com o outro e com o ambiente. É na arte que procuro apreender pela observação curiosa e instigante, os sons ruidosos que se fazem no espaço urbano da cidade. Das imagens e das narrativas que teimo em perceber. O tempo do instantâneo, das passagens, dos efeitos relacionais que o social e o cultural produzem e que podem ser configurados na escrita e na arte.

Metodologia

A pesquisa se localiza na Praça Coronel Pedro Osório situada na cidade de Pelotas, interior do Rio Grande do Sul. Diante da experimentação de uma escrita e pela observação da Praça pretende-se problematizar o processo de formação desta professora na articulação com o espaço urbano da cidade. Através dessas ressonâncias busco aproximar alguns pensamentos da filosofia da diferença em Deleuze, Guattari e Foucault de experimentações com a arte, e a escrita pelas leituras de Clarice Lispector e Ítalo Calvino. A ideia é tecer provocações costurando linhas que brotam dessa aproximação.

Resultados e discussão

A construção deste trabalho está sendo feita com cuidado e carinho. A Pelotas mais ao sul do Rio Grande do Sul que aprendi a reconhecer assume outras referências que implicam na relação com os espaços. Estas referências são da ordem dos sentidos que se configuram pelos cheiros, pelos sabores, pelas imagens e, principalmente pela vida construída desde a infância. Caberá então desenvolver outros olhares sobre uma cidade que se acostumou à contemplação de sua memória histórica, através da arquitetura dos espaços e do imaginário de seus habitantes.

Esta é a cidade que percebo nos livros, mas que em outros momentos se abre a novas possibilidades fazendo reconhecer em seus aspectos mais sutis o que se encontra

subtraído pelas relações imediatas e pelas exigências de uma vida atribulada. Daí deriva os verbos insistir, resistir, apropriar, reinventar que irei utilizar para compor este trabalho. Como em Deleuze (1992), pois é preciso fabricar os próprios intercessores.

Considerações finais

A praça que recorto na cidade, fonte de inspiração e inquietação para mim, se apresenta no cotidiano comum de muitos passeantes. É parte do tecido urbano que caracteriza as relações de proximidade e distanciamento cruzando aspectos para além do social e cultural apenas. É assim que a tomo. Pela apropriação de sua paisagem, pela observação e pela experimentação de uma escrita que se pretende criativa. A criação como invenção. Ou como melhor define Guattari (1992): "uma relação de captação da totalidade e de diferenciação ao mesmo tempo" (p. 30). São essas as formas que encontro de fazer movimentar um pensamento, ou seja, onde é possível tecer provocações e inquietações que possibilitem pensar a *estética* (Farina, 2008) de uma formação docente no exercício de suas práticas de vida, através da conjugação dos âmbitos da subjetividade, do saber e da experiência estética.

Referências

DELEUZE, Gilles e GUATTARI, Félix. ***Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia vol. 4***. São Paulo: Ed 34 Ltda, 1995.

_____, Gilles. ***Conversações***. São Paulo: Ed 34, 6 ed., 1992

FARINA, Cynthia. ***Formação estética. Saber, subjetivação, contemporaneidade***. In: XIV Encontro Nacional de Didática e Prática de Ensino ENDIPE, 2008, Porto Alegre RS. Trajetórias e processos de ensinar e aprender: lugares, memórias e culturas. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2008.

GUATTARI, Félix. ***Caosmose: um novo paradigma estético***, Rio de Janeiro, Editora 34, 1992.

LISPECTOR, Clarice. ***A cidade sitiada***. 4.ed. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1975.